

A Pedagogia da Gira: Por uma Educação Afrocentrada

Kátia Cilene Souza Alcântara Santana¹Kátia Cilene Souza Alcântara Santana¹

Resumo: O racismo estrutural, o patriarcado, o colonialismo e o capitalismo configuram-se como dispositivos de poder que, insidiosamente, atravessam a sociedade, subjugando os povos afro-brasileiros. A instituição escolar, paradoxalmente concebida como espaço de emancipação, perpetua a lógica dominadora, consolidando-se como aparato estatal alicerçado no racismo estrutural e institucional. A pedagogia hegemônica, nesse contexto, inviabiliza narrativas contra-hegemônicas, silenciando saberes, histórias e contribuições africanas e afro-brasileiras; tal processo culmina na precarização da mão de obra negra, na evasão escolar e na exposição à necropolítica. Diante desse cenário, emerge a urgência de uma pedagogia afrocentrada, ancorada em Lélia Gonzalez, Nego Bispo, Luiz Rufino e em intelectuais da diáspora africana. Propõe-se, assim, a Pedagogia da Gira, inspirada no poder subversivo de Pombagira, como estratégia de afirmação da identidade negra e de transgressão às imposições coloniais e patriarcais no ambiente escolar. A Gira visa estilhar a episteme eurocêntrica, valorizar os saberes ancestrais africanos e afro-brasileiros e fomentar a autonomia e o protagonismo discente negro. Por meio da gira, movimento de circularidade e transformação almeja-se a construção de um espaço educativo de resistência, no qual identidades negras sejam celebradas e narrativas silenciadas, ressignificadas.

Palavras-chave: Pedagogia afrocentrada; Pedagogia da Gira; Epistemologias afro-brasileiras; Pombagira; Afropoder.

Palavras-chave: Artigo completo, Normas científicas, Congresso, Realize, Boa sorte.

INTRODUÇÃO

A promulgação da Lei 10.639/2003 representou um marco na valorização de histórias e culturas africanas e afro-brasileiras no sistema educacional, ao reconhecer a



dívida histórica do país com os povos negros. Entretanto, sua implementação encontra resistências persistentes nas engrenagens escolares e sociais, revelando a aderência de um regime epistêmico eurocentrado que marginaliza saberes negros, especialmente aqueles vinculados às religiosidades de matriz africana. Desse diagnóstico nasce esta pesquisa, gesto de estilhaçamento e reconstrução pedagógica, filosófica e espiritual, que assume como horizonte o tensionamento das estruturas coloniais sustentadoras do mito da democracia racial.

Como mulher negra e educadora baiana, a autora inscreve voz e experiência, reconhecendo a vivência como território epistemológico. Durante anos, reproduziu muitas vezes sem perceber narrativas do opressor; todavia, o reencontro com a ancestralidade deslocou o eixo, fecundando uma docência afroreferenciada. Por isso, a presente escrita é também corpo, memória e resistência.

A escola, que deveria ser espaço de emancipação, tem-se tornado território de reprodução de desigualdades, consolidando o racismo estrutural e institucional. Ao longo de séculos, o currículo foi erigido como dispositivo de poder que silencia vozes negras, apaga contribuições africanas e nega pertencimentos. Como denunciou Lélia Gonzalez, o mito da democracia racial mascara desigualdades e perpetua a dominação branca. No cotidiano escolar, esse mito ganha forma de pedagogia supostamente universal, que marginaliza experiências e saberes africanos e afro-brasileiros, impedindo a construção de consciências críticas e coletivas. Nesse horizonte, a Pedagogia da Gira não se apresenta apenas como aporte teórico, mas como convocação ontológica: recolocar o saber no corpo e o corpo na história. A Gira não é metáfora. É princípio epistêmico que desafia saberes eurocêntricos e canonizados.

O ponto de inflexão emerge com Pombagira. Interditada como excesso, desvio, profano ou pecado, ela comparece aqui como potência emancipatória: ao gargalhar das normas, inaugura epistemologias, fissura a ideologia de corpos e mentes adestrados e confronta a moralidade escolar de faces sisudas, bocas silenciadas, cadeiras enfileiradas e tempos rigidamente cronometrados. Assim, a Pedagogia da Gira recoloca movimento onde a forma escolar impõe contenção.

Compreende-se, pois, a escola como campo de disputa. Longe de ter sido construída como território de emancipação para o povo negro, ela se ergueu como extensão do projeto colonial, reproduzindo o pacto racial que funda o Estado brasileiro.



Nesse sentido, a política curricular, travestida de neutralidade, legitima um modelo único de humanidade, branco, europeizado, masculino e cristão, relegando corpos negros à subserviência e negando-lhes autoria.

No regime educacional vigente, o corpo negro é vigiado: pode ocupar o espaço, mas não o constitui; sobrevive, porém não enuncia. A escola tolera a presença física de negras e negros, e interdita sua presença epistêmica. É justamente nesse interstício que irrompe Pombagira como rasura e reescrita: sua existência tensiona a lógica disciplinar, rompe a docilidade colonial e desestabiliza enquadramentos; sua gargalhada torna-se potência que o colonialismo tentou apagar. Se a escola produz sujeição, Pombagira produz presença.

Desse modo, o problema desta pesquisa excede a mera ausência de referências afro-brasileiras no currículo: o que se enfrenta é a estrutura profunda que impede o reconhecimento do corpo negro como produtor de epistemologia. Por isso, pergunta-se: de que modo a Pedagogia da Gira, fundamentada na epistemologia subversiva de Pombagira, pode deslocar a lógica escolar que tolera a presença física do corpo negro, mas interdita sua presença epistêmica?

Ao recentrar o corpo na discussão pedagógica, a Gira revela que o impedimento não é pedagógico, mas ontológico. A pedagogia hegemônica não fracassa com pessoas negras ao acaso: cumpre uma função colonial. Consequentemente, a epistemologia da Gira não advoga reparações parciais, mas um deslocamento de eixo. A inserção curricular é relevante, todavia, reivindica-se aqui uma escola afroreferenciada, afetada por culturas e modos de vida descentrados do racismo, sexismo e capitalismo.

Pombagira emerge como chave epistemológica porque habita o entre-lugar que o colonialismo não capturou: excesso, movimento, transbordamento. A partir dela, desmascara-se a educação como arquitetura moral e racial e propõe-se outra via de existência, não separando corpo e pensamento, presença e conhecimento, rito e razão.

Assim, o objetivo central é recolocar o corpo negro, especialmente o corpo da mulher negra como território epistêmico, e não como objeto pedagógico, devolvendo-lhe o estatuto de origem do saber. Não se trata de pensar sobre a experiência, mas a partir dela, fazendo do corpo e da ancestralidade plataforma de produção de conhecimento.



Em consequência, a Pedagogia da Gira transcende o plano analítico e assume gesto político: a escola não pode manter-se como único espaço autorizado de validação do saber quando seu alicerce é a negação da humanidade negra. Por isso, a Gira instaura horizonte de reencantamento: tensiona o modelo hierárquico ocidental e afirma saberes e modos de vida negros como formas legítimas de pensamento.

A justificativa não nasce da falta, mas da presença: escreve-se não porque algo esteja ausente, mas porque o que sempre esteve presente foi impedido de nomear-se. O que se reivindica, portanto, não é inclusão racial, mas restituição ontológica. Em um país que naturaliza a branquitude como medida do humano, pensar educação a partir de Pombagira não é exotismo nem metáfora: é insurgência epistemológica. Aquilo que foi demonizado foi, justamente por isso, temido: portava potência de ruptura do ordenamento colonial.

Desdobram-se, então, os objetivos específicos: (i) denunciar a escola como aparelho disciplinador, não emancipador; (ii) reconhecer o corpo negro como fonte de pensamento, não como objeto de controle; (iii) restituir a espiritualidade como dimensão constitutiva do saber; (iv) afirmar a Gira como epistemologia viva, não como imagem simbólica; e (v) inscrever Pombagira como categoria epistêmica e matriz metodológica.

Portanto, não se busca resposta técnica, mas deslocamento de mundo. Em disputa não está apenas um lugar no currículo, mas um horizonte civilizatório: pensar a educação a partir da Gira, e não sob a normatividade colonial do pensamento linear.

METODOLOGIA

A escolha metodológica desta pesquisa nasce do compromisso ético de deslocar o olhar eurocentrado que, historicamente, orientou as práticas investigativas no campo educacional brasileiro. Seria uma contradição epistemológica falar sobre insurgência negra utilizando instrumentos metodológicos comprometidos com a colonialidade do saber. Por isso, a perspectiva adotada está ancorada em metodologias negras, de matriz ancestral, espiritual e comunitária.

O eixo estruturante da investigação é a autoetnografia, compreendida não apenas como escrita de si, mas como gesto de estabelecer o corpo negro enquanto produtor legítimo de conhecimento. Nesse sentido, a autoetnografia não opera como confissão ou



narrativa autobiográfica pura, mas como ferramenta político-epistemológica de autorreconhecimento, ruptura e reposicionamento de si.

Ao reconhecer o corpo como arquivo vivo de memórias ancestrais, a metodologia aqui adotada compreende que pesquisar é reabrir verbos guardados: caminhar, lembrar, cantar, girar, gargalhar e reinaugurar sentidos interditados pelo sistema colonial. A escrita torna-se extensão do corpo e, portanto, território.

Adota-se abordagem qualitativa, pois a experiência vivida produz densidade interpretativa que não pode ser traduzida por dados numéricos ou categorias abstratas; desse modo, o mergulho simbólico, espiritual e narrativo é reconhecido como via legítima de acesso ao real.

O referencial afroreferenciado garante o deslocamento do sujeito negro do lugar de objeto de estudo para o lugar de agente epistemológico. Não se trata, portanto, de estudar o povo negro, mas de pesquisar a partir dele, tensionando os regimes coloniais que naturalizaram sua subalternização na academia.

A pesquisa também incorpora elementos de escuta-terreiro, compreendendo que o terreiro é um sistema civilizatório que transmite saberes pela circularidade, pelo corpo em estado de rito, pelo canto e pela ancestralidade. Assim, ouvir o terreiro é também ouvir a história negada.

Quando o fim é também começo (Conclusão)

Esta pesquisa nasceu de uma insubordinação epistemológica e, ao chegar ao repouso, confirma: o giro é o método. O percurso não conduz a um término, mas a um recomeço. A Pedagogia da Gira demonstrou que a educação brasileira, ainda ancorada em ruínas coloniais, precisa ser desestabilizada para tornar-se espaço de reexistência, não de adequação. Concluir, aqui, é girar outra vez.

O primeiro movimento revelou o corpo, especialmente o corpo da mulher negra como primeiro texto político. Ao reconhecê-lo como episteme, a educação deixa de ser contenção e se torna campo de libertação: rompe-se o mito da neutralidade científica e inicia-se a restituição da humanidade roubada.



O segundo movimento expôs a escola como estrutura que naturaliza a exclusão. A Gira escancarou o dispositivo: currículo eurocêntrico, moral cristã e racionalidade hierárquica funcionam como engrenagens de silenciamento. Desse diagnóstico nasce o chamado à ruptura: não há reforma possível dentro do edifício que nos nega; é preciso reerguer a casa em alicerces de ancestralidade, circularidade e axé.

O terceiro movimento reencantou a episteme. A Gira se confirmou não apenas como método, mas como cosmologia viva. Pombagira, enquanto força de saber e existência, desestabiliza fronteiras entre razão e corpo, sagrado e profano, teoria e rito. Sua pedagogia é dança: verbo em movimento, riso que fere e cura. O conhecimento negro não pede legitimidade: nasce legítimo porque nasce do chão.

A pesquisa, assim, abre caminhos. A Gira convoca práticas educativas a tornarem-se espaços de memória e criação, onde ensinar seja também cuidar, cantar e girar. O futuro da educação depende da coragem de romper o pacto colonial e devolver à escola o que lhe foi arrancado: corpo, afeto e espiritualidade. A educação como prática de liberdade, de que fala bell hooks, só se realiza quando reconhece a ancestralidade como dimensão constitutiva do conhecimento.

Encerrar a escrita desde a encruzilhada é reconhecer que não há ponto final: cada parágrafo é retorno, cada conceito, um corpo que dança. A Gira segue fora das páginas, nas salas de aula, nos terreiros, nas comunidades, nos gestos cotidianos de quem insiste em ensinar com o corpo inteiro. O saber não se fecha: espraia-se, como tambor que, mesmo depois do toque, ainda vibra na terra. Que a escola aprenda a girar; que o currículo se curve ao axé; que o saber volte a ser partilha. A Pedagogia da Gira permanece não como metáfora, mas como modo de existir e produzir outro mundo. O fim é mais um círculo: gira-se para lembrar, gira-se para viver, gira-se para libertar.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricity: The Theory of Social Change*. Chicago: African American Images, 1987.

BISPO, Antônio. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: INCT, 2015.



RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

